

A ocupação do Neolítico antigo de São Pedro de Canaferrim: novos dados em perspectiva

■ TERESA SIMÕES* ■

RESUMO Neste texto apresentam-se novas perspectivas acerca da ocupação do Neolítico antigo registada no sítio de São Pedro de Canaferrim (Sintra). Discute-se a funcionalidade das estruturas negativas identificadas. Estas fossas e os componentes da cultura material recolhidos no sítio documentam uma utilização doméstica do espaço, que seguramente inclui práticas de armazenamento. Neste momento considera-se, atendendo às características do registo arqueológico, que a estratégia de implantação neste lugar de montanha envolva uma relativa estabilidade residencial por parte do grupo.

ABSTRACT This paper presents new perspectives on the Early Neolithic occupation of the site of São Pedro de Canaferrim (Sintra).

The function of the negative structures that were identified are discussed. These pits and the material culture recovered from the site reflect a domestic use of space, which must have included storage. At this time it appears that, given the characteristics of the archaeological record, the settlement strategy in this mountain site involved a certain degree of residential stability on the part of the community.

1. Localização e recursos

Localizado na península de Lisboa, Estremadura, São Pedro de Canaferrim integra-se, na acepção de Orlando Ribeiro, no vasto domínio que constitui o Sul de Portugal.

O sítio implanta-se em plena Serra de Sintra, entre os 395 m e os 402 m de altitude, com as seguintes coordenadas: UTM 29SMC 664 941.

Os vestígios já localizados definem uma ocupação dispersa pelos patamares da vertente a SE da elevação do Castelo dos Mouros, em locais bastante abrigados dos ventos dominantes NNW e perto da nascente de um pequeno afluente da Ribeira de Colares.

Toda a área é caracterizada por um acentuado declive entrecortado por penhas e caos de blocos graníticos que, no entanto, limitam áreas aplanadas, por vezes formando abrigos naturais.

A Serra de Sintra, definida como o mais significativo acidente geográfico da península de Lisboa, é considerada pelos geógrafos uma verdadeira montanha, senão pela altitude — que culmina aos 529 m —, pelo vigor do relevo, pelo revestimento vegetal e pela economia (Ribeiro, 1991⁶, p. 44).

Esta “pequena montanha” corresponde, em termos gerais, ao maciço subcristalino que, com 10 km de comprimento por 5 km de largura, emerge de uma vasta aplanção. Orientada E-W, de perfil irregular e acidentado, a Serra de Sintra emerge, de onde quer que se observe, uns 300 m acima da paisagem calcária envolvente: a norte a plataforma de São João das Lampas, com vales muito encaixados e arribas vigorosas; a sul uma área mais baixa que termina em arribas que mergulham no mar no Cabo Raso (cf. Carvalho, 1994, p. 8-10). No extremo W, o maciço interrompe-se abruptamente face ao mar, com falésias que marcam desníveis na ordem dos 150 m.



FIG. 1 – O sítio de São Pedro de Canaferrim na Península Ibérica.

carácter mediterrânico-atlântico onde ocorrem a azinheira, medronheiros, sobreiros e pinheiros mansos (Catarino, 1996, p. 77).

As grandes alterações no coberto vegetal ocorridas na Serra nos últimos 160 anos — com a construção de parques e jardins românticos durante o século XIX, a que mais tarde se vieram associar as plantações extensivas de pinhal em muitas das encostas — dificultam uma aproximação directa aos recursos naturais disponíveis, pelo que as fontes escritas, datadas entre os séculos XII e XVIII, constituíram uma base fundamental na aproximação aos “usos” tradicionais da Serra.

A existência de águas benéficas, animais selvagens (entre os quais caça grossa), a floresta mediterrânica (com os seus frutos, lenhas e cortiça), os pastos, as pequenas parcelas agricultáveis e a presença de locais de culto, caracterizam esta pequena montanha litoral.

Lugar de excepção em termos regionais, a Serra insere-se numa área cujo traço de união é, sem dúvida, a diversidade:

“Nos arredores de Lisboa, por exemplo, os barros basálticos dão campos limpos e abertos destinados à cultura do cereal; os calcários do secundário, charnecas abandonadas ao mato e ao pasto; os calcários terciários cobrem-se de olival; as baixas argilosas, de hortas regadas; o pinhal reveste as colinas de arenito improdutivo. No horizonte da cidade, duas montanhas que se vêem uma à outra encerram a escala destas combinações: Sintra, envolta em névoas e afofada de arvoredos frondosos, rica de águas e de sombras musgosas, é uma recorrência do norte; a Arrábida, nos campos de calcário, no soberbo matagal mediterrâneo, na serenidade das águas onde a serra se despenha quase a pique, um fragmento de *riviera* isolado à beira do Atlântico...” (Ribeiro, 1991⁶, p. 154).

Considerando a inexistência de reconstituições paleo-ambientais para esta área concreta, importa notar os reflexos da Transgressão Flandriana — ainda sem atingir o seu ponto máximo — na definição de um litoral mais recortado, nomeadamente, no troço vestibular da Ribeira de Colares (Daveau, 1994, p. 25), hoje definido por uma extensa várzea.

Os solos do Maciço de Sintra, em grande parte cambissolos húmicos, derivam das rochas eruptivas do substrato geológico, maioritariamente sienito e granito.

Apesar da escassa cartografia disponível relativamente à capacidade de uso do solo (escala 1/1 000 000), na orla do maciço estão identificadas áreas de utilização agrícola condicionada e florestal.

A morfologia e vegetação da Serra originam um microclima mediterrânico com feição oceânica e humidade quase tropical. Os solos e o clima viabilizam então a presença *Quercus robur* e *Quercus pyrenaica* que na Península Ibérica apenas se encontram no NW montanhoso. Porém, o clímax vegetal de Sintra — excluía a orla atlântica — define-se pela presença de agrupamentos de



FIG. 2 – O sítio de São Pedro de Canaferrim, visto de SE.

2. Trajectos da investigação

Apesar da primeira referência a vestígios neolíticos no sítio arqueológico de São Pedro de Canaferrim (identificados na encosta do Castelo virada a São Pedro de Sintra) ser efectuada por Vergílio Correia em 1913 (Correia, 1972, p. 73), as escavações arqueológicas tiveram lugar muito mais tarde e os seus objectivos iniciais em nada se relacionaram com a procura de um sítio pré-histórico.

Na realidade, a primeira intervenção realizada em 1981 sob a responsabilidade dos Serviços Culturais da Câmara Municipal de Sintra traduziu-se na escavação das ruínas da igreja românica dedicada a São Pedro, localizada a escassos metros da muralha do denominado Castelo dos Mouros. Os trabalhos, que decorreram utilizando o método Wheeler, pretendiam verificar a origem visigótica ou visigotista do templo, atendendo com particular atenção ao restauro empreendido pelo rei D. Fernando II em meados do século XIX.

Passados mais de vinte anos e após o estudo do conjunto cerâmico tipologicamente atribuível ao Neolítico antigo exumado na escavação de 1981, então conservado no Museu Regional de Sintra, iniciou-se uma segunda etapa na investigação do sítio de São Pedro de Canaferrim. Esta nova fase, encetada em Novembro de 1993, tinha como objectivo essencial a identificação de estratos neolíticos intactos que confirmassem a presença de uma ocupação do Neolítico antigo. Tal questão revelava-se extremamente pertinente uma vez que, a comprovar-se, seria possível definir uma implantação de altura, portanto fora dos modelos de povoamento estabelecidos para o Neolítico antigo do Sul de Portugal.

Em 1993/94 iniciou-se a escavação deste local com uma sondagem correspondente a dois quadrados com 2 m de lado, embora a presença de uma grande rocha no seu limite W,

tenha reduzido para aproximadamente 6 m² a área da intervenção. Afortunadamente, a delimitação de uma reduzida área de escavação permitiu afirmar, de forma peremptória, a existência de contextos preservados do Neolítico antigo, ao mesmo tempo que possibilitou definir uma ampla sequência estratigráfica, documentando uma intensa presença durante o período islâmico. Tão marcada ocupação medieval conduziu a que, no ano seguinte e programando-se uma próxima abertura em área, se tivesse associado à direcção científica da intervenção Catarina Coelho.

Assim, no Inverno de 1995 retomaram-se os trabalhos com a escavação de uma superfície muito mais ampla, embora as condições atmosféricas extremamente adversas entre tanto verificadas e a complexidade da estratigrafia presente tivessem condicionado o *terminus* da intervenção antes de identificar novos estratos neolíticos. Então suspensas, as escavações foram retomadas em 1998, já enquadradas em dois projectos de investigação no âmbito do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos.

Até 1996, os dados existentes resumem-se, pois, aos artefactos cerâmicos provenientes do *locus* 1 e aos contextos do Neolítico antigo escavados no *locus* 2 que tornaram possível, pela riqueza da informação neles contida, lançar uma série de linhas interpretativas, já objecto de extensa publicação (Simões, 1999).

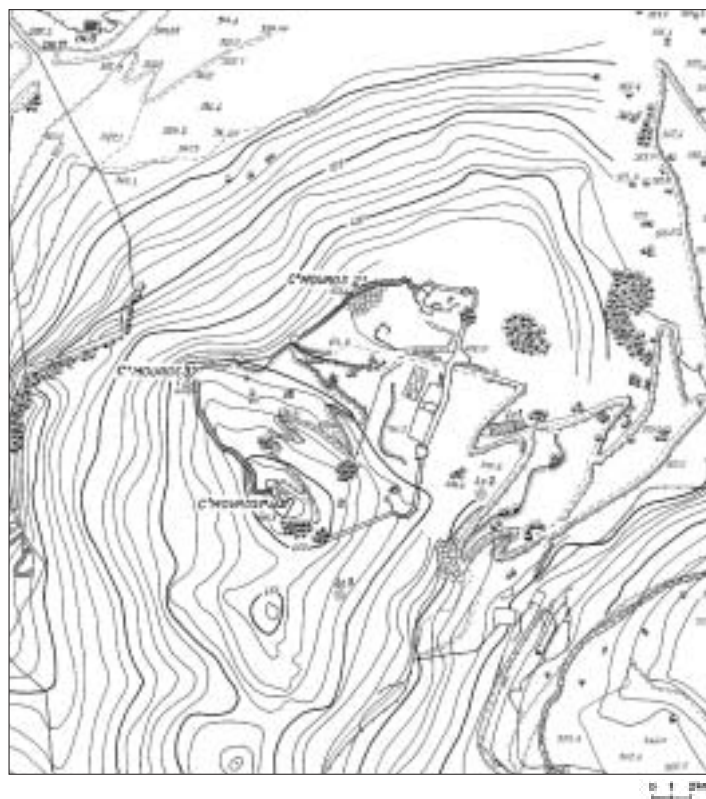


FIG. 3 – Os *loci* com ocupação neolítica de São Pedro de Canaferrim, com base na Carta Topográfica do Concelho de Sintra, Esc. 1:2000, folha n.º 168, Instituto Geográfico e Cadastral.

3. Estratigrafias, artefactos e cronologia

A investigação efectuada no sítio de São Pedro de Canaferrim tornou possível identificar três locais com vestígios de ocupação neolítica, todos localizados na vertente S-SE do Castelo dos Mouros. O *locus* 1, correspondente a uma área aplanada localizada a 415 m de altitude onde se veio a erguer, no século XII, a igreja de São Pedro de Canaferrim; o *locus* 2, a escassos metros do primeiro mas já a 395 m de altitude; e o *locus* 3, numa área de difícil acesso também junto a afloramentos graníticos, mas que contrariamente aos outros dois *loci*, apenas foi reconhecido através de prospecções.

O *locus* 1 pode caracterizar-se, essencialmente, pela existência de duas realidades totalmente distintas em termos arqueológicos, mais estreitamente relacionadas com intrusões no subsolo datáveis do século XIX do que com a funcionalidade da igreja românica aí existente. Assim, o exterior define-se pela presença de uma necrópole medieval intocada, con-

trastando com o interior da nave profundamente perturbado, à excepção de duas pequenas áreas de estratigrafia preservada junto às paredes do edifício. A reanálise da documentação relativa a essas sequências residuais, onde os escavadores inicialmente consideraram uma só camada proto-histórica com cerâmicas decoradas, permitem avançar pouco acerca da natureza da ocupação, mas possibilitam afirmar a existência de estratos conservados e selados no *locus* 1. Quanto às estruturas, parece aceitável considerar — mais pelo seu conteúdo artefactual do que pela sua forma — o designado “silo” da Capela-mor como uma fossa escavada na rocha de base e utilizada durante o Neolítico antigo.

A escavação do *locus* 2 foi então programada com o objectivo primordial de isolar contextos preservados do Neolítico antigo nas imediações da “capela” de São Pedro de Canaferrim, ainda que numa área relativamente afastada da igreja e necrópole medievais. As esperanças relativas à sua existência baseavam-se na ausência, à superfície, de ruínas de construções recentes, muito comuns em toda a extensão da jazida.

Sucintamente, podemos definir o sítio pela presença de uma sucessão estratigráfica complexa enquadrada entre o Neolítico antigo e a Baixa Idade Média, salientando-se as ocupações pré e proto-históricas, e do período islâmico.

Porém, apenas uma estrutura negativa e o seu preenchimento constituíram os testemunhos da presença neolítica. Tal ocupação encontrava-se documentada por um estrato de terras acumuladas (UE 4) numa depressão escavada no granito (UE 16). Estas duas unidades estratigráficas foram cortadas pela abertura de uma vala (UE 15) destinada à implantação de um muro medieval (UE 3), o qual destruiu, parcialmente, a estrutura negativa e o respectivo preenchimento sedimentar.

Esta evidência demonstrava uma desesperante e clara destruição dos vestígios neolíticos por ocupações posteriores, firmemente contrabalançada pela notável conservação e riqueza artefactual do contexto preservado. Assim, a unidade estratigráfica 4, apesar de muito afectada por construções medievais, possuía limites nítidos, uma vez que a sua interface com a vala e muro medievais se encontrava muito bem definida.

A leitura efectuada permite afirmar tratar-se a unidade 4 da colmatação de uma estrutura negativa, artificialmente escavada no granito friável que constitui a rocha de base, cujo diâmetro aumenta do topo para o fundo, formando um “saco”.

Definir a capacidade primitiva da fossa afigurava-se arriscado, pois apesar de conhecermos a sua profundidade máxima (85 cm) e o que supomos ser o maior diâmetro da boca (130 cm) da estrutura, o topo da camada de terra neolítica possuía apenas 24 cm de largura numa extensão de 130 cm, quando procedemos à sua definição entre a rocha e o muro medieval. Tal dificuldade assumiu, à partida, especial significado quando verificámos que a estrutura negativa pré-histórica se encontrava esvaziada de parte muito significativa do seu preenchimento neolítico, que fora substituído pela estrutura pétreia de cronologia islâmica (unidade estratigráfica 3). A significativa destruição registada no estrato 4 permitiu supor equivalente impacto a nível da fossa que a continha (unidade estratigráfica 16), o que justificaria as diferenças altimétricas registadas na sua abertura, muito evidentes no eixo Este-Oeste.

O contexto do Neolítico antigo caracterizava-se, então, pela presença de sedimentos muito escuros e arenosos, de granulometria média, com abundante carvões e cinzas associados a um conjunto artefactual composto por cerâmicas, pedra lascada e pedra afeiçãoada, além de escassos restos faunísticos. A escavação deste estrato, de compreendido entre as altimetrias -117 e -202, não revelou qualquer microestratigrafia, parecendo ter sido o seu enchimento efectuado num curto intervalo de tempo.

No entanto, o processo de escavação veio a definir distintas distribuições espaciais de artefactos e mesmo de pequenas estruturas a diferentes altimetrias.



FIG. 4 – O estrato 4 quando se retirou o muro medieval (UE3).



FIG. 5 – Aspecto da definição da unidade estratigráfica 4, à qual encostava o muro medieval (unidade estratigráfica 3).

Assim, à profundidade de -150/-152 definiu-se uma área tendencialmente circular cortada pela vala destinada à implantação do muro medieval. Esses sedimentos soltos e estéreis preenchem uma cavidade, provavelmente um buraco de poste não estruturado, verificando-se em seu torno a presença de espólio lítico e cerâmico associado a abundantes nódulos de carvão dispersos e esquirolas de ossos de animais.

Uma outra planta foi identificada à altimetria -185. Trata-se de um alinhamento de três pedras em arco de círculo, delimitando uma mancha de carvões e cinzas que parcialmente preenchem um grande fragmento de vaso esférico decorado com motivos em “espiga”. A partir de uma amostra destes carvões foi obtida uma das datas de ^{14}C (ICEN 1151) já disponíveis para o sítio.

Além do possível buraco de poste aparentemente não estruturado e da lareira — que testemunham funcionalidades distintas de uma estrutura doméstica em diferentes fases do seu processo de colmatação —, o enchimento desta fossa documenta essencialmente a acumulação de sedimentos, presumivelmente em contexto de lixeira.

O significativo conjunto artefactual presente em São Pedro de Canaferrim, especialmente expressivo ao nível das cerâmicas e da pedra lascada, revela porém assimetrias notáveis ao compararmos os dois *loci* objecto de escavação.

A praticamente inexistente de indústria lítica no *locus* 1 contrasta, de forma acentuada, com o extenso conjunto recolhido no *locus* 2, que ilustra um intenso talhe local, demonstrado pela presença de núcleos, material de reavivamento, restos de talhe, além dos próprios produtos de debitação (lascas e lamelas). O escasso material cortical e a ausência de peças de crista indicam o transporte, para o sítio de São Pedro de Canaferrim, de núcleos pré-formados. O talhe, por vezes recorrendo ao aquecimento térmico, é dirigido para a obtenção de produtos alongados cujos estigmas documentam a emprego de diversas técnicas, como a percussão directa e indirecta e — com menor grau de certeza — a pressão. Não se encontra documentada a técnica do micro-buril.

Estão representados, na categoria dos utensílios, lamelas de bordos retocados, um entalhe, micrólitos geométricos (segmentos) e um furador rotativo. Os vestígios de utilização surgem sob a forma de “lustre de cereal” e de descamações nos bordos. Ao somarmos todas as lamelas aos artefactos retocados sobre lâmina ou lamela, obtemos mais do dobro de produtos alongados, perante as duas dezenas lascas representadas, o que reforça a ideia de um talhe dirigido essencialmente para a obtenção de lamelas e lâminas de reduzidas dimensões.

Quanto à pedra polida, apenas um artefacto, proveniente de um contexto pouco seguro, foi recolhido no *locus* 1. Trata-se de um pequeno machado, de secção rectangular e bordos polidos, talhado numa matéria-prima que ocorre na orla da serra de Sintra, os denominados “xistos do Ramalhão”.

Apesar da presença de moventes e percutores no *locus* 1 em contextos de deposição secundária, certo é associar à ocupação do Neolítico antigo duas pequenas peças fragmentadas de arenito — dormente de mó e polidor de artefactos — identificadas no estrato 4 do *locus* 2.

Uma primeira observação dos conjuntos cerâmicos provenientes dos *loci* 1 e 2 de São Pedro de Canaferrim permite afirmar que, apesar de serem equivalentes em número absoluto de fragmentos — e possuírem mesmo uma efectiva proximidade tipológica e decorativa —, se distanciam pelas diferenças volumétricas dos vasos.

Com efeito, a abordagem tecnológica estabelece traços de união quando se analisam as pastas e seus desengordurantes, cozeduras — essencialmente redutoras com arrefecimento oxidante — e acabamentos das superfícies internas e externas — quase sempre cuidadas e não raras vezes polidas. Mesmo em termos das formas presentes, os vasos são genericamente fechados ou de paredes rectas.

Estão presentes mamilos, cordões plásticos, asas (geralmente com perfuração horizontal e muitas vezes culminadas por mamilos) e perfurações pós-cozedura, por vezes localizadas lado a lado, talvez destinadas à reparação dos vasos.

No campo das técnicas decorativas, além dos cordões plásticos, estão registados motivos impressos, incisos ou conjugando as duas técnicas. Grandes vasos com elementos de suspensão e prensão, por vezes associados a cordões plásticos, constituem uma das características que distinguem este sítio face a outras jazidas não apenas pela originalidade de alguns espécimes, mas sobretudo pela quantidade de exemplares. O conjunto integra, porém, artefactos com paralelos em estações bem conhecidas no Sul de Portugal. Mencione-se o caso dos vasos com decoração na denominada “falsa folha de acácia”, associada a asas bífidas ou mamilos, formalmente idênticos aos da Lapa do Fumo (Ferreira, 1970), Senhora da Luz (Cardoso, 1996b, p. 247), Praia de São Julião (Simões, 1999, p. 195 e 232) e Correio-Mor (Cardoso, 1996a, p. 17). Refiram-se, também, os exemplares cobertos por bandas incisivas preenchidas com traços oblíquos, com paralelos tão bem documentados na Gruta da Furninha (Diniz, 1994), estação de referência para o Neolítico antigo do Ocidente da Península Ibérica (Guilaine e Ferreira, 1970).

Analisando todo o conjunto, parece sustentável afirmar que a maior variabilidade formal e decorativa corresponde aos vasos de dimensão média. Aqui estão presentes os esféricos, as hemisferas altas e os “sacos”, ostentando, repetidamente, motivos em espiga, associados a asas bífidas e mamilos. Aos grandes contentores parece corresponder apenas a forma de saco, mas sempre decorados com cordões plásticos, mamilos e asas. Os pequenos recipientes, sempre lisos, surgem em número reduzido.

As diferenças em termos de distribuição espacial das cerâmicas no âmbito do *habitat* são elucidativas. O *locus 2* caracteriza-se pela presença de vasos de capacidade mediana, por vezes com as paredes externas queimadas, associados a pequenos vasos lisos, ao passo que o *locus 1* revela vasos médios a par de grandes vasos de armazenamento.

A análise deste tipo de artefactos permite encarar estes dois patamares da vertente como áreas distintas no espaço doméstico. O mais elevado — *locus 1* — certamente ilustrando práticas de armazenamento em grandes recipientes, o mais baixo — *locus 2* — documentando a utilização de vasos de capacidade média como recipientes de cozinha.

Os resultados obtidos pelo método do radiocarbono, para duas amostras de madeira carbonizada (ICEN-1151 6020±60 BP e ICEN-1152 6070±60 BP) encontram-se já publicados e discutidos (Simões, 1995, 1999) e vieram, desde cedo, esclarecer a cronologia absoluta do estrato do Neolítico antigo. As amostras ICEN 1151 e ICEN 1152 recolhidas, respectivamente, na área de combustão e nos sedimentos onde foi aberto o buraco de poste, forneceram resultados estatisticamente idênticos, apesar das diferenças estratigráficas. Os intervalos de tempo obtidos, após calibração a 2 sigma, indicam uma ocupação de finais do VI e inícios do V milénio cal BC.

4. Os novos dados

Apesar da investigação efectuada em São Pedro de Canaferrim entre 1993 e 1996 ter permitido esboçar alguns traços da ocupação neolítica e lançar novas linhas de pesquisa, questões como a morfologia do *habitat*, a definição do tipo de ocupação e mesmo a obtenção de indicadores para uma reconstituição paleoambiental, permaneciam em aberto.

Tais lacunas radicavam em dois pontos essenciais. Por um lado, a existência de uma diminuta área escavada com metodologias adequadas, por outro a falta de abordagens transdisciplinares aos artefactos e ecofactos entretanto recolhidos. Assim, com a elaboração de um novo projecto de investigação intitulado *A Serra de Sintra no contexto da neolitização da*

península de Lisboa foi possível reiniciar as escavações em São Pedro de Canaferrim, ao mesmo tempo que se investia nos estudos paleobotânicos e arqueozoológicos.

A intervenção realizada no sítio em 1998, que abarcou uma área de 32 m², permitiu finalizar a escavação dos níveis medievais e identificar novas estruturas e contextos do Neolítico antigo. A sua posterior escavação integral decorreu numa ampla campanha, limitada entre o Inverno de 1999 e a Primavera de 2000.

Deste modo, os trabalhos de 1999/2000 tiveram por objectivos essenciais: (1) definir a ocupação neolítica em extensão; (2) caracterizar os contextos e as estruturas existentes; (4) verificar, através das eventuais estratigrafias verticais e horizontais, a existência de distintas fases de ocupação; e, (5) objectivar a funcionalidade do sítio.

A escavação seguiu o método Barker-Harris. Para os estratos do Neolítico antigo e apesar da escavação se efectuar por unidades estratigráficas, procedeu-se ao registo tridimensional de todos os materiais arqueológicos, com o objectivo de identificar a multiplicidade de fenómenos deposicionais envolvidos nos seus processos de formação.

Considerando as características dos contextos arqueológicos em causa — manchas isoladas de sedimentos muito escuros e arenosos, de forma tendencialmente circular ou ovalada, sobre a rocha de base — tornou-se evidente que estes estratos seriam escavados individualmente, como realidades autónomas.

Atendendo ao facto de nos encontrarmos a escavar várias estruturas negativas colmatadas, por vezes apenas distando escassos centímetros, colocava-se a hipótese de podermos vir a encontrar sobreposições, realidade que, a verificar-se, assumiria grande importância no estabelecimento de cronologias relativas, mas que implicava grande acuidade técnica no processo de escavação.

A remoção dos sedimentos foi efectuada por decapagem total das camadas naturais, registando-se sempre a planta do topo de cada unidade estratigráfica, o que possibilitou a remontagem — em gabinete — de todos os cortes e secções necessários. Em situações pontuais, de maior complexidade, efectuaram-se pequenos cortes temporários.

Com o objectivo de identificar sementes e frutos eventualmente presentes, muitos dos sedimentos foram recolhidos e levados para laboratório, com vista à sua flutuação e crivagem com água.

Assim, a 4.^a campanha de escavações realizada em São Pedro de Canaferrim permitiu identificar novas estruturas e contextos do Neolítico antigo conservados no *locus* 2.

Trata-se de 4 estruturas negativas (unidades estratigráficas 58, 63, 66, e 67) e respectivos preenchimentos sedimentares, localizadas junto aos grandes blocos de granito que limitam a W e a N esta área aplanada da vertente SE do Castelo dos Mouros. Outra fossa, de tipologia aparentemente pré-histórica (unidade estratigráfica 60), apresentava-se completamente esvaziada pela vala do muro medieval (61), pelo que não será incluída nesta primeira abordagem.

A estrutura definida pela unidade estratigráfica 63 apresentava, de igual modo, um quadrante cortado pelas valas de implantação de dois muros, que, dispostos na perpendicular, justamente aí se encontravam, definindo um dos cantos da construção medieval. O edifício assim delineado, interpretado como um celeiro, alberga no seu interior um conjunto de silos de cronologia islâmica, responsáveis pela destruição de todos os níveis neolíticos eventualmente existentes nesta área concreta, dos quais não foi identificado qualquer vestígio *in situ*.

A abordagem a esta plataforma da vertente torna-se ainda mais complexa e limitada se somarmos à destruição medieval, a queda de blocos de granito sobre estratos pré-históricos, muito bem documentada sobre a fossa 67 e respectivo preenchimento.

À excepção a “cuvette” pouco profunda (unidade estratigráfica 66), coberta por sedimentos claros (unidade estratigráfica 65), com pouca matéria orgânica e raros artefactos, o topo dos

estratos que preenchiam as estruturas negativas já escavadas (unidades estratigráficas 57, 49 e 62) caracterizavam-se pela presença de sedimentos muito escuros, com abundantes carvões.

No entanto, tal homogeneidade superficial não viria a ser generalizável às sequências estratigráficas que preenchem as fossas em questão. Com efeito, apenas a estrutura [67] revelou enchimento uniforme, definido pela presença exclusiva de terras escuras e arenosas. As estruturas [58] e [63], pelo contrário, demonstraram estratigrafias longas e bem definidas, onde camadas escuras — ricas em materiais arqueológicos e matéria orgânica (nomeadamente carvões) — alternam com camadas granulosas e claras, muitas vezes pobres em termos artefactuais.

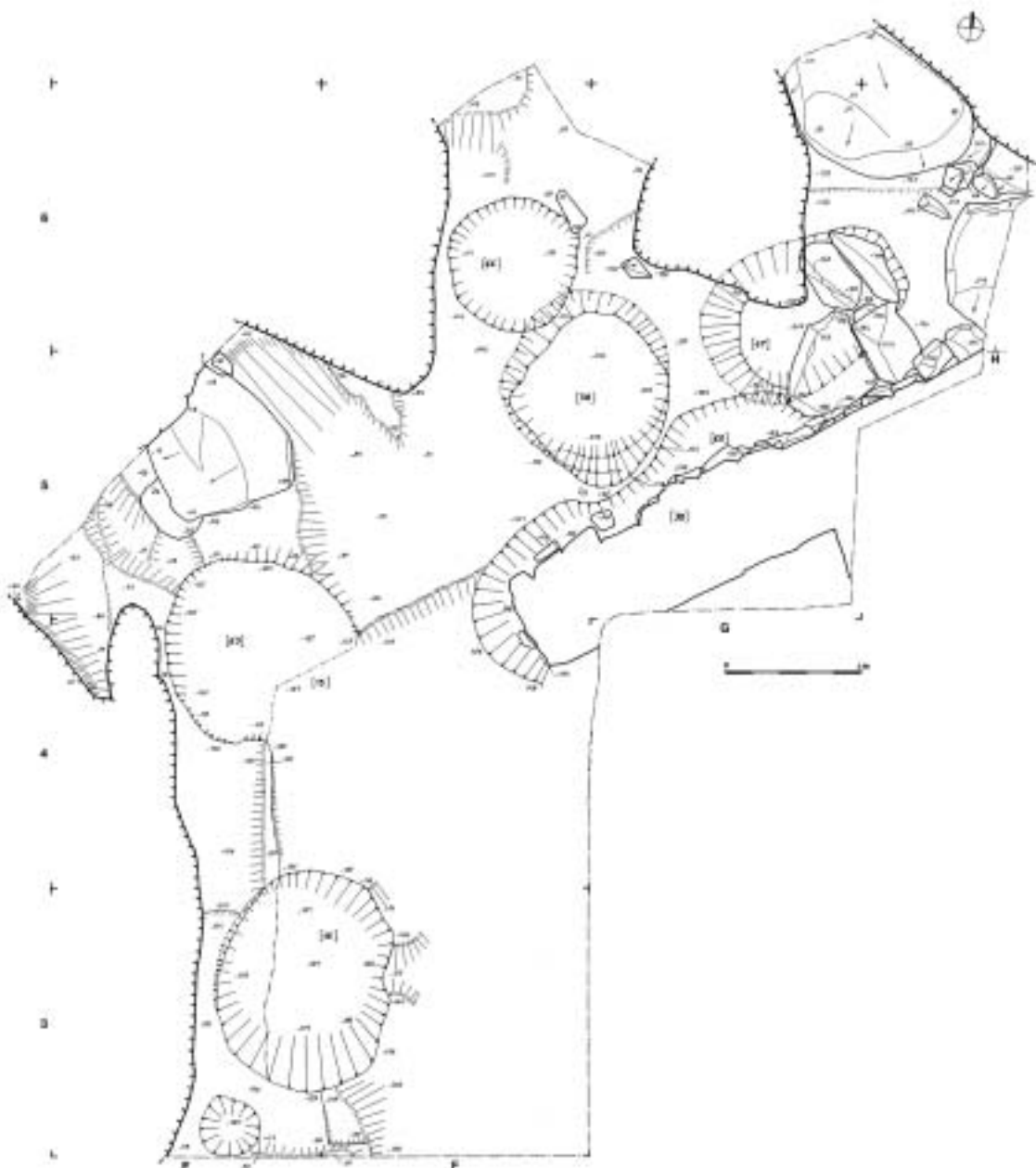


FIG. 6 – O locus 2 de São Pedro de Canaferrim no final da campanha 1999/2000.



FIG. 7 – Aspecto da escavação da fossa 63, cortada em ângulo pelas valas 15 e 61.

Todas as estruturas revelam plantas semelhantes, tendencialmente circulares, ainda que a morfologia das paredes e dos fundos permita isolar três grupos distintos: (1) estrutura muito profunda, ultrapassando os 120 cm, de paredes rectas e fundo côncavo: [58]; (2) estruturas com profundidades compreendidas entre os 62 e os 85 cm, de paredes divergentes e fundos planos, em forma de saco: [63] e [67], às quais podemos acrescentar a fossa [16]; e, (3) estrutura quase rasa com cerca de 20 cm de profundidade, apresentando paredes convergentes e fundo côncavo: [66].

Embora a existência de três grupos bem definidos possa sugerir diferentes funcionalidades dentro do espaço doméstico, o uso primário destas fossas afigura-se, no entanto, difícil de definir com precisão. Na realidade, grande parte dos seus preenchimentos — em alguns dos casos mesmo a totalidade — testemunha claras reutilizações, provavelmente relacionadas com o seu abandono. Tais estratos revelam, muitas vezes de forma indirecta, a proximidade de actividades domésticas em que se enquadram, nomeadamente, a combustão de lenhas, o talhe do sílex, o manuseamento de vasos cerâmicos e, com menor número de vestígios, a moagem e o consumo de alimentos de origem animal.

Nas fossas [63] e [67], que como foi já notado possuem semelhanças morfológicas, são evidentes fases iniciais de utilização com vestígios de combustão *in situ*. Nos dois casos, imediatamente sobre a rocha de base e encostados às faces internas mais reentrantes das estruturas, foram registadas acumulações de pedras associadas a núcleos de terras queimadas.

No entanto, a estrutura [63] define-se, à semelhança de [16], como uma fossa assimétrica, com acentuada diferença de altimetrias a nível da abertura, mas de difícil interpretação.

A assinalável capacidade da estrutura [58] — que ultrapassa os 1356 litros — levanta a hipótese de estarmos perante um grande silo de armazenamento. Mas, na realidade, o processo de colmatação desta estrutura não revela na sequência qualquer estrato que esclareça a função proposta, pois faltam as sementes e os frutos que a permitam relacionar com actividades recolectoras ou mesmo agrícolas. Além de vazadouro, muito elucidativo das activi-

dades desenvolvidas no *habitat*, esta fossa foi igualmente usada, na última fase de enchimento como área de combustão.

Os materiais arqueológicos confirmam as leituras anteriormente propostas para o sítio. A expressiva indústria talhada sobre sílex, com cadeias operatórias destinadas à obtenção de produtos alongados, documenta a presença de lamelas retocadas e com traços de utilização, micrólitos geométricos e um novo furador rotativo, permanecendo muito mal representados os utensílios multifuncionais. A par dos pequenos artefactos de pedra afeiçoada talhados sobre arenito surgem agora elementos de mó graníticos de dimensões apreciáveis. As cerâmicas apresentam motivos bem conhecidos, com especial relevo para as espiga e as bandas paralelas e ortogonais, dominando os vasos de média dimensão. Permanece ausente qualquer vestígio de cerâmica cardial.

A objectivação do subsistema económico do grupo permanece essencial. A presença de elementos de foice com “lustre de cereal”, estruturas negativas com grande capacidade e mós manuais apontam claramente para a presença de um grupo produtor de alimentos.

A presença de animais domésticos — *ovis* ou *capra* — documentada para o estrato 4, não encontrou confirmação no estudo realizado por Marta Moreno (Centro de Investigação em Paleoecologia Humana e Arqueociências), relativo aos contextos escavados em 1999/2000. As escassas duas dezenas de fragmentos e esquirolas de ossos recolhidas nas unidades estratigráficas neolíticas permitiram apenas recensear um grande mamífero e oito pequenos artiodáctilos, um dos quais identificado como uma metápode de *sus*, pertencente um animal recém-nascido.

De forma complementar, foi concluído recentemente por Paula Queiroz e José Mateus o relatório relativo aos primeiros estudos de Arqueobotânica desenvolvidos no sítio (Queiroz e Mateus, 2001), no quadro do programa “Investigação Paleoecológica e Paleoetnobiológica em Sítios Arqueológicos”, envolvendo três tipos de análise: carpológica, polínica e antracológica.

Se a análise polínica revelou dados pouco animadores — gorando as boas expectativas iniciais proporcionadas pelos solos húmicos do sítio — e que se traduziram na presença de



FIG. 8 – Escavação da unidade estratigráfica 62 que, em parte, preenchia a fossa 67.

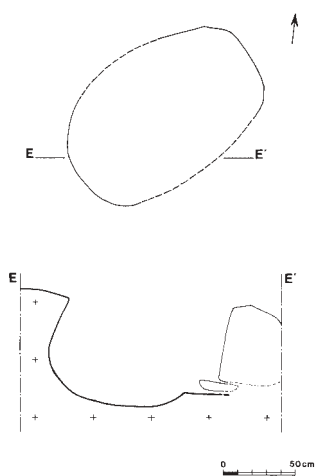
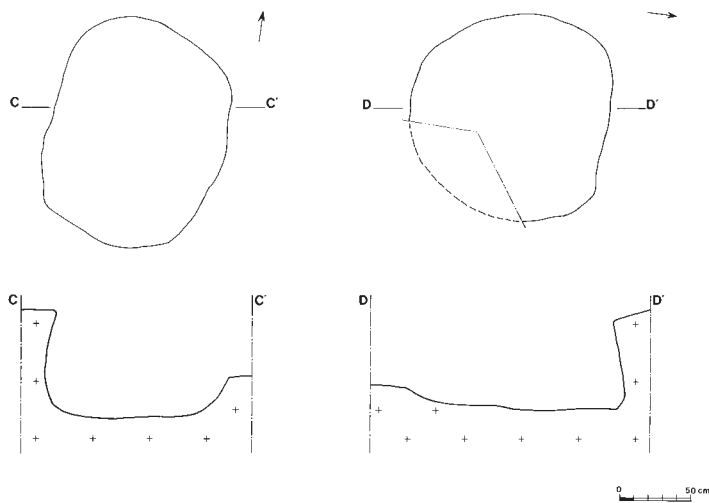
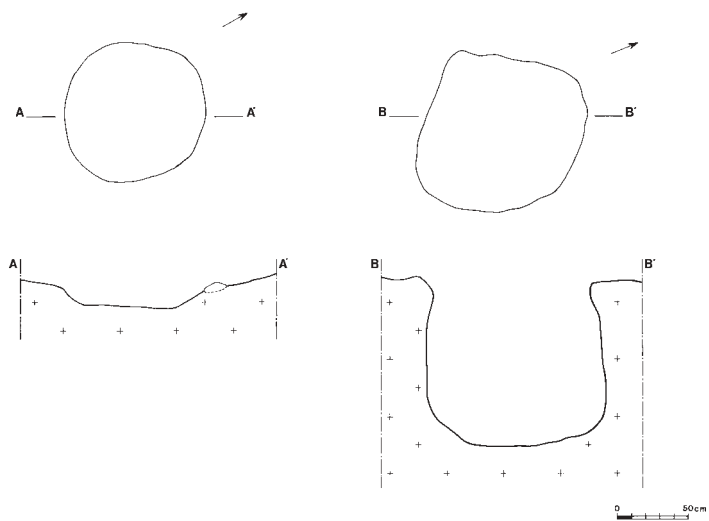


FIG. 9 – Estruturas negativas: unidades estratigráficas 66 (corte AA'), 58 (corte BB'), 16 (corte CC'), 63 (corte DD') e 67 (corte EE').



FIG. 10 – As fossas 16 e 63 no final dos trabalhos, observando-se, em segundo plano, o grande afloramento rochoso que define a Oeste o patamar da vertente.

(...) A ocorrência de carvão de *Quercus faginea* [carvalho cerquinho], *Acer monspessulanum* [zelha], *Quercus coccifera* [carrasco], *Olea europaea sylvestris* [zambujeiro], *Arbutus unedo* [medronheiro], *Crataegus monogyna* [pilriteiro], *Phillyrea* [aderno], *Rhamnus* [aderno bastardo], *Daphne gnidium* [trovisco], *Pistacia lentiscus* [aroeira] e *Erica arborea* [urze branca], está claramente ligada à existência de mata, tal como hoje ocorre na estremadura.” Por outro lado, é possível indiciar uma “certa zonação da vegetação da encosta explorada pela população local. A presença de *Fraxinus angustifolia* [freixo], *Populus* [choupo], *Salix* [salgueiro] e *Ulmus* [ulmeiro] poderá indicar a presença da mata decídua ribeirinha, confinada às linhas de água. (...) A ocorrência de carvão de leguminosas, incluindo o tojo (*Ulex*), e também provavelmente de queiró (*Erica umbellata*) poderá relacionar-se com a presença de matos rasteiros ou charnecas, tipos de vegetação mais aberta (...), eventualmente correspondendo a zonas pastadas, quiçá nas imediações dos próprios lugares de habitação.” (Queiroz e Mateus, 2001).

A identificação individual dos carvões permitirá, de igual forma, seleccionar as amostras correspondentes a espécies vegetais de vida curta, viabilizando assim a obtenção de datas ^{14}C mais fiáveis, apenas possíveis para pequenas quantidades através de AMS¹. Está programada a datação dos preenchimentos de três estruturas negativas, de modo a complementar as já disponíveis para a unidade estratigráfica 4.

“... baixo número de grãos de pólen, (...) grande proporção de pólen muito erodido e de pólen fresco de contaminação” (Queiroz e Mateus, 2001), a análise carpológica apenas permitiu afirmar que nas amostras de sedimentos flutuados não foram encontradas sementes, e que o pequeno macro-resto orgânico — supostamente uma semente ou um coprólito — se tratava de uma crisálida de um pequeno insecto, ainda não identificado (Queiroz e Mateus, 2001).

A análise antracológica que envolveu 507 fragmentos de carvão revelou, porém, dados concretos relativos aos recursos vegetais explorados pelo grupo que habitou São Pedro de Canaferrim, ao mesmo tempo que possibilitou estabelecer uma primeira imagem do coberto vegetal do sítio arqueológico.

Na realidade, “O conjunto das espécies lenhosas identificadas reflecte a presença da mata marcescente de *Quercus faginea*, integrando provavelmente um sub-bosque arbustivo esclerófilo.



FIG. 11 – Última fase de utilização da estrutura negativa 58.



FIG. 12 – As fossas 16 e 63 no final dos trabalhos, observando-se, em segundo plano, o grande afloramento rochoso que define a oeste o patamar da vertente.

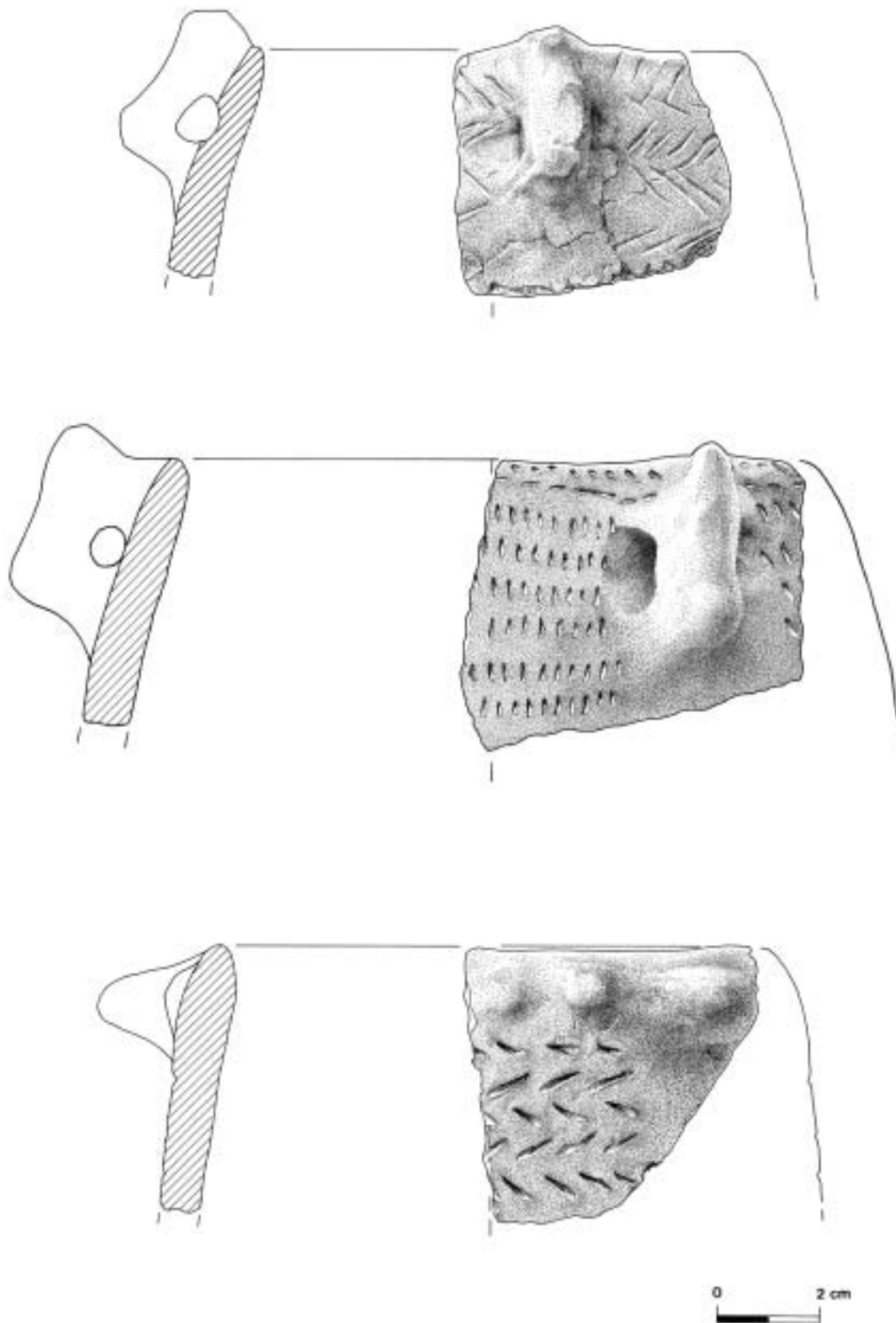


FIG. 13 – Vasos com elementos de suspensão e preensão, ostentando motivos em espiga, provenientes dos preenchimentos sedimentares das estruturas negativas 58 (1) e 63 (2 e 3).

5. Discussão

Os dados disponíveis para São Pedro de Canaferrim demonstram uma intensa ocupação durante o Neolítico antigo. O número e densidade das estruturas presentes, associado a um já extenso conjunto de artefactos, tornam este sítio um dos mais extensamente documentados no seu âmbito cronológico e cultural.

O Neolítico antigo de São Pedro de Canaferrim define-se, pois, neste momento, como um *habitat* caracterizado pela exclusiva presença de estruturas negativas abertas no *locus* 2. A sua elevada densidade nesta área, sobretudo se atendermos à sua localização numa estreita faixa, limitada a W e a N por grandes blocos graníticos e a E e a S pela construção medieval, não pode deixar de supor um local vocacionado para o armazenamento.

Esta evidência, quando conjugada com o registo de grandes vasos no *locus* 1, define um duplo registo deste tipo de práticas, embora se desconheçam as sementes ou os frutos efectivamente guardados nestes contentores. A presença de volumosas mós de granito nos estratos que preenchiam a fossa 58 auxiliam a definição funcional deste “silo”, não sendo de estranhar a sua proximidade em relação a áreas destinadas ao processamento de sementes ou frutos, sobretudo se notarmos a ausência destes artefactos em todas as outras estruturas escavadas.

A certeza de nos encontrarmos perante um local de altitude, de difícil acesso, e onde apenas se encontram registadas estruturas negativas, poderia conduzir ao estabelecimento de paralelos com as grutas de armazenamento catalãs, como Cova 120 e Cova S’Espasa (Bosch Lloret, 1994). No entanto, além da distinção óbvia baseada no facto de São Pedro de Canaferrim ser um lugar de ar livre, foi aqui identificado um amplo espectro artefactual, inexistente nessas “covas”, e que documenta um número mais alargado de actividades domésticas.

O expressivo conjunto artefactos de pedra lascada, exclusivamente talhados sobre sílex e ilustrando cadeias operatórias especificamente dirigidas para a obtenção de produtos alongados, revela a presença de talhe no local. Lamelas/lâminas com estigmas de uso ilustram acções de corte, nomeadamente de gramíneas.

Quanto aos recipientes cerâmicos, os conjuntos são extensos, variados nas formas e nos motivos decorativos que ostentam e, acima de tudo, heterogéneos em termos volumétricos, longe pois de documentarem, na grande maioria dos casos, armazenamento.

Do próprio armazenamento não restam senão os contentores, estruturais ou móveis, encontrando-se completamente ausentes do registo os seus conteúdos. As sequências estratigráficas e o espólio em associação no interior das estruturas ilustram realidades bem diversas. Mesmo verificando que as fossas possuíram funções iniciais distintas — silos e locais de combustão — todas foram, em fases posteriores, colmatadas por sedimentos, na maior parte das vezes ricos em artefactos e nódulos de carvão.

A inexistência de estruturas positivas ou pisos de ocupação associados à presença neolítica do *locus* 2 poderia colocar duas hipóteses interpretativas: (1) como área periférica, e relativamente afastada, em relação ao núcleo do *habitat*; ou, (2) como evidências de silos, fossas e lareiras adjacentes a outras estruturas domésticas já destruídas neste local. Ambas hipóteses encontram paralelos na área peninsular, em sítios como o extenso campo de silos de Font del Ros (Bordas Tissier et al., 1996), ou em povoados como Plansallosa (Bosch et al., 1999).

Esta dualidade, cuja resolução seria fundamental mesmo para o entendimento global do sítio, permanecerá por agora insolúvel, atendendo ao arrasamento de todos os vestígios eventualmente existentes no interior da construção islâmica, completamente perfurado por silos coevos.

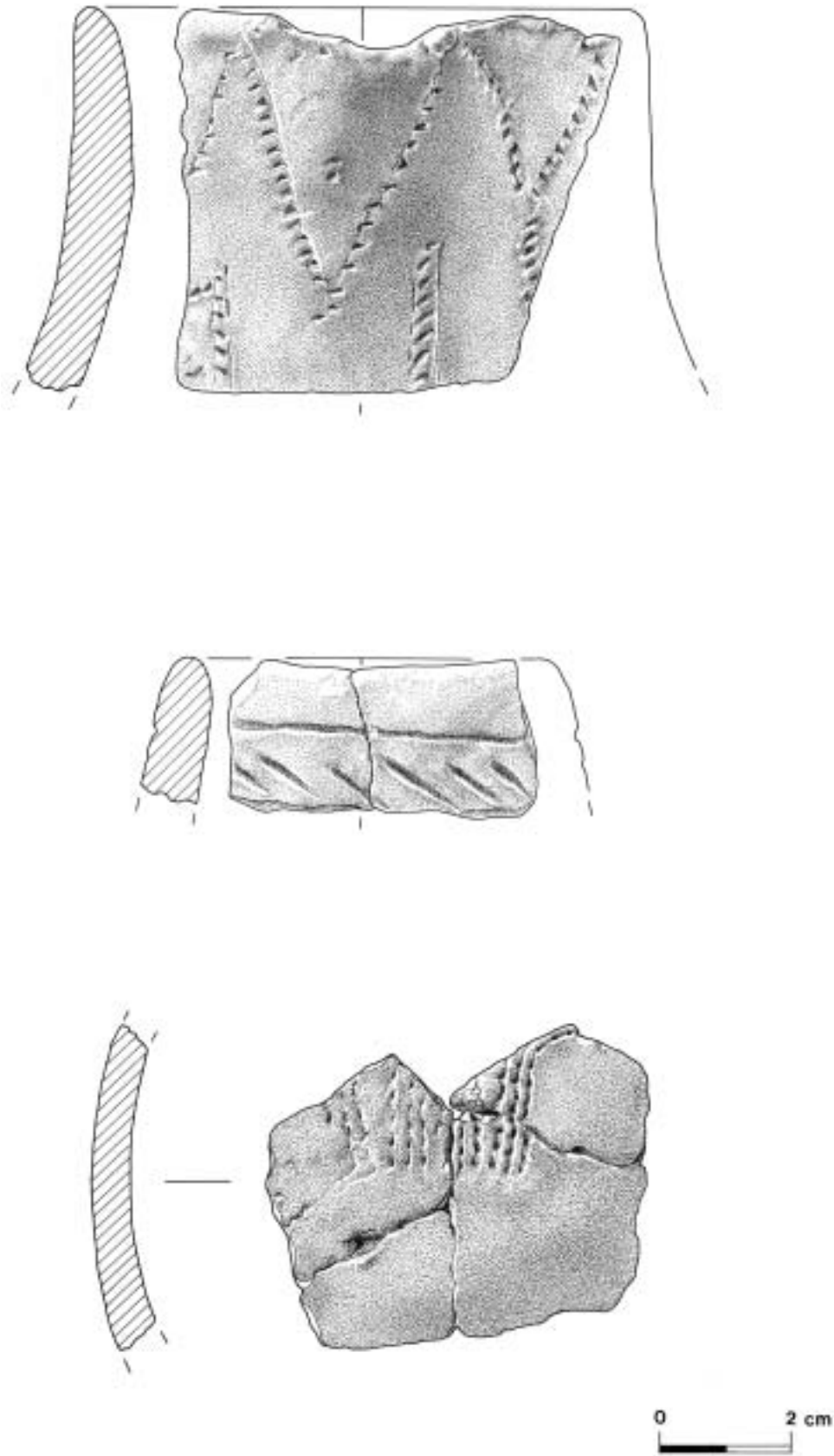


FIG. 13 – Cerâmicas recolhidas nos sedimentos que colmatavam a estrutura negativa 58: 1 e 2 - com decoração em bandas; 3 - com decoração “punto y raya”.

Atendendo à abundância de vestígios neste sector, surge como prioritária a sondagem do mesmo patamar da vertente, mas numa área de menor acumulação sedimentar, a sul do caminho (*locus* 4) onde, a avaliar pela leitura superficial do terreno, não existem vestígios medievais. De igual modo, as intervenções programadas para o abrigo sob rocha no *locus* 1 e mesmo no *locus* 3 poderão, por outro lado, revelar dados complementares e fundamentais na definição da morfologia do espaço ocupado durante o Neolítico, contribuindo para esclarecer a função específica das estruturas do *locus* 2.

As estruturas e os artefactos lidos no seu todo, ao apontarem para múltiplas actividades domésticas desenvolvidas no *habitat* e, de forma elucidativa, os maiores índices de estabilidade da ocupação em função do armazenamento, tornam cada vez mais complexa a interpretação do sítio enquanto testemunho de ocupações temporárias e sazonais, ligadas ao pastoreio e à recollecção, ainda que múltiplas vezes repetidas (cf. Simões, 1999, p. 73).

Armazenamento, colheita de gramíneas e pastoreio ilustram modos de apropriação do espaço presentes no sítio e que definem o modo de vida neolítico.

Sendo São Pedro de Canaferrim uma jazida com características estruturais únicas na fachada atlântica da Península Ibérica, mas com paralelos no NE peninsular, a sua originalidade parece residir, então, no estabelecimento de uma ocupação estável num lugar de altitude, ainda que com escasso domínio de paisagem, em ambiente de montanha.

Embora a Serra de Sintra não possua Invernos rigorosos com temperaturas negativas que impeçam aqui a permanência anual do grupo, o estabelecimento de um campo base neste ponto implica múltiplas actividades centradas na montanha. Os vários materiais lenhosos recolhidos e já identificados ajudam, assim, na definição de distintas áreas de captação de recursos, escalonadas na vertente.

Uma estreita ligação aos relevos baixos que se estendem para Este e para Norte encontra fundamento na obtenção de matérias-primas específicas (como o sílex), e mesmo no alcance de campos abertos, aparentemente mais favoráveis ao cultivo do que as pequenas parcelas existentes na Serra.

NOTAS

* Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas • Unidade de Arqueologia da Universidade de Lisboa

¹ Após a conclusão deste artigo foram processadas por AMS novas amostras de carvão de espécies arbustivas recolhidas nos estratos do Neolítico antigo. As datas, que serão discutidas em publicação autónoma, são as seguintes: Beta-164712 7750±50 BP, Beta-164713 6230±40 BP e Beta-146714 6240±40 BP.

Para além de um resultado muito antigo e considerado aberrante para os contextos em causa (Beta-164712), regista-se a presença de duas datas muito semelhantes (Beta-146714 e Beta-146713), mais antigas que as até este momento publicadas, ainda que datem estratos sem cerâmica cardial.

BIBLIOGRAFIA

-
- BORDAS TISSIER, A.; MORA TORCAL, R.; LÓPEZ MORILLAS, V. (1996) - El asentamiento al aire libre del Neolítico en la Font del Ros (Berga, Bergueda). In *Actes del I Congrés del Neolític a la Península Ibérica*. Gavà: Museu. I (Rubricatum; 1), p. 397-406.
- BOSCH LLORET, A. (1994) - El Neolítico antiguo en el Nordeste de Cataluña: contribución a la problemática de la evolución de las primeras comunidades neolíticas en el Mediterráneo occidental. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 51:1, p. 55-75.

- BOSCH, A.; BUXÓ, R.; PALOMO, A.; BUCH, M.; MATEU, J.; TABERNERO, E.; CASEADEVALL, J. (1999) - El Poblado de Plansallosa y la neolitización del valle del Llierca (Pre-pirineo oriental). In *Actes del II Congrés del Neolític a la Península Ibérica*. València: Universitat (Saguntum; extra 2), p. 329-335.
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R.; FERREIRA, O. da V. (1996a) - Novos elementos para o estudo do Neolítico antigo da região de Lisboa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 9-26.
- CARDOSO, J. L.; FERREIRA, O. da V.; CARREIRA, J. R. (1996b) - O espólio arqueológico das Grutas naturais da Senhora da Luz, Rio Maior. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 195-256.
- CARREIRA, J. R. (1994) - A Pré-história recente do abrigo das Bocas (Rio Maior). *Trabalhos de Arqueologia do EAM*. Lisboa. 2, p. 47-144.
- CARVALHO, A. M. G. de (1994) - *O Cenozóico continental a Norte da serra de Sintra: estudo tectono-sedimentar*. Lisboa: Museu Nacional de História Natural (Memórias de Geociências; 1).
- CATARINO, F. (1996) - A paisagem de Sintra e a sua vegetação. In *Sintra Património da Humanidade*. Sintra: Câmara Municipal, p. 77-80.
- CORREIA, V. (1972) - A estação neolítica da Cerca dos Jerónimos (1913). In *Obras IV: Estudos Arqueológicos*. Coimbra: Universidade, p. 57-75.
- DAVEAU, S. (1994) - A foz do Tejo: palco da história de Lisboa. In *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Instituto Português de Museus, p. 24-30.
- DINIZ, M. (1994) - *Acerca das cerâmicas do Neolítico antigo da Gruta da Furninha (Peniche) e da Problemática da neolitização do Centro/Sul de Portugal*. Trabalho de síntese apresentado no âmbito das provas de aptidão pedagógica e capacidade científica à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- FERREIRA, O. da V. (1970) - Acerca dos vasos decorados com asas perfuradas e ornamentação em falsa folha de acácia. In *Actas das I Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 27-36.
- GUILAINE, J.; FERREIRA, O. V. (1970) - Le Néolithique ancien au Portugal. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Paris. 67:1, p. 304-322.
- QUEIROZ, P. F.; MATEUS, J. E. (2001) - *Estudos de Arqueobotânica no sítio neolítico de São Pedro de Canaferrim, Sintra*. Lisboa: Centro de Investigação em Paleoecologia Humana e Arqueociências (Trabalhos do CIPA; 21).
- RIBEIRO, O (1991⁶) - *Portugal: o Mediterrâneo e o Atlântico*. 6.ª edição. Lisboa: Sá da Costa.
- ROMÁN DÍAZ, M.ª P. (1999) - Primeras aldeas con almacenamiento en el Sureste de la Península Ibérica. In *Actes del II Congrés del Neolític a la Península Ibérica*. València: Universitat (Saguntum; extra 2), p. 199-206.
- SILVA, A. R. P. ; BACELAR, J. J. A. H. de; CATARINO, F. M.; CORREIA, A.I.; ESCUDEIRO, A. S. S.; SERRA, M. G. L.; RODRIGUES, C. M. A. (1991) - *A flora da Serra de Sintra*. Separata de *Portugaliae Acta Biologica*. Lisboa: Museu, Laboratório e Jardim Botânico. Série B. 15.
- SIMÕES, T. (1996) - O sítio neolítico de São Pedro de Canaferrim (Sintra). In *Actes del I Congrés del Neolític a la Península Ibérica*. Gavá: Museu. I (Rubricatum; 1), p. 329-336.
- SIMÕES, T. (1999) - *O sítio neolítico de São Pedro de Canaferrim, Sintra: contribuições para o estudo da península de Lisboa*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 12).